

NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO
DEBATE IBÉRICO SOBRE
A LITERATURA POPULAR:
O CASO DE MANUEL MURGUÍA

*NOTES FOR A HISTORY OF THE IBERIAN
DEBATE ON POPULAR LITERATURE:
THE CASE OF MANUEL MARGUÍA*

Josias Abdalla Duarte
Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP



Resumo

Está em questão, a partir de artigo publicado pelo escritor Manuel Murguía, recompor algo do debate ocorrido na Espanha no final do século XIX sobre os estudos folclóricos. Por um lado, define-se o território pretendido para a disciplina por este escritor e, por outro, a forma como este atendia a demandas políticas e sociais. A rigor, a presente reflexão contribui para uma história dos conceitos criados para tratarmos da Cultura a partir das discussões ibéricas do final do Oitocentos.

Palavras-chave: Cultura. Folclore. História da Cultura. Teoria da História.

Abstract

The issue, considering an article published by the writer Manuel Murguía, is to recompose part of the debate that took place in Spain, at the end of the 19th century, about folkloric studies. This writer defines, on one hand, the intended area for the discipline, and, on the other, the manner in which this area served political and social demands. Strictly speaking, the present reflection contributes to a history of the concepts conceived for dealing with Culture, on the basis of the Iberian discussions that took place in the late 19th century.

Keywords: Culture. Folklore. History of Culture. History Theory.

Narrando a Galiza

Narrar um país com as suas geografias, reais e míticas; com os seus edifícios antigos; com as suas histórias, mais ou menos inventadas é, em linhas gerais, a leitura aqui sugerida. A expressão narrar uma nação tomo-a do escritor Homi Bhabha (1990) que deseja expressar como a coleção de textos – ficcionais ou não – que tratam de um determinado lugar, entenda-se uma sociedade complexa ou uma comunidade diminuta podem ser apreendidas como uma narrativa. Trataria-se, desta forma, de um conjunto de vozes – dissonantes tantas vezes – que compõem a trama de memórias e de esquecimentos que continuamente assinalam as transformações vividas por uma sociedade.

O presente artigo toma a publicação de *El Folk-lore Gallego* (1881), do historiador Manuel Murguía (1833-1923), para anotar como o aludido folclore é tomado como referência para a construção e estabelecimento de temáticas galegas. A narrativa historiográfica de Murguía vale-se de um exercício de recolha e sistematização da Literatura Popular que, acredita, lhe permitiria conferir aos da Galiza a sua própria história. Expectativa compreensível dentro do nacionalismo e das concepções então correntes de Estudos Folclóricos na Península Ibérica

A Península Ibérica: Séculos XIX e XX

A Galiza, noroeste da Península Ibérica, é uma das províncias, hoje comunidade autônoma, que compõe o Reino da Espanha; a partir, sobretudo, do século XIX, inicia-se o reconhecimento, por parte de determinados setores das comunidades galegas, de que a Galiza deveria assumir frente ao governo central, castelhano, a sua própria cultura e a sua autonomia política e administrativa. Os nacionalismos galegos, correntes desde o XIX, desenvolveram-se, em boa parte, a partir da afirmação de que a sua região possuía, em relação ao conjunto da Nação Espanhola, uma cultura singular. De fato, devemos juntar a movimentos políticos e culturais dessa ordem os similares que tinham lugar em duas outras regiões: a Catalunha e o País Vasco. Ressalte-se que, para os galeguismos, a sua história confunde-se culturalmente e linguisticamente com Portugal. Tratamos aqui da região geográfica em que se constitui, afinal de contas, o galego-português.

Nos primeiros anos do chamado Provincialismo, primeiro passo do movimento nacionalista galego, a língua era tida como o grande elemento definidor das comunidades galegas; durante o Regionalismo, etapa seguinte do nacionalismo, soma-se ao problema da língua, questões étnicas. As discussões nacionalistas galegas têm, neste particular, forte interlocução com escritores como, por exemplo, o francês Joseph-Arthur Gobineau (1816-1882), autor de *Essai sur l'inégalité des races humaines*.¹ Para a presente reflexão importa não uma crítica à eleição das questões étnicas como tema, mas observar de que maneira estas questões serviram a alguns dos escritores do nacionalismo galego como argumento para as suas análises.

O *Rexurdimento Galego*: Manuel Murguía

O reconhecimento e a narração de uma História Cultural dos galegos, em autores como Manuel Murguía, destacado nome da historiografia e do periodismo do seu tempo, servia para a constituição de um repertório de referências e marcas que se acreditavam próprias, assim, constituíam temáticas galegas em espaços nos quais prevaleciam, até então, castelhanas.

Desta forma, a Galiza de finais do século XIX, assolada pelas crises políticas advindas da dissolução do Antigo Regime e agravada por agudas dificuldades econômicas, encontra-se, frente ao governo central, em oposição crítica. Os trabalhos aqui considerados de Manuel Murguía de maneira alguma encerram as discussões então travadas no período em questão. A presente reflexão toma um escritor do complexo e heterogêneo nacionalismo galego que expressa, certamente, um sem número de questões então correntes, mas não encerra toda riqueza dos escritos então produzidos. É tão somente uma das vozes do *Rexurdimento*, isto é, renascimento galego do XIX.

Os Estudos sobre o Folclore e a construção de uma historiografia

Desde meados do século XVIII, as chamadas Sociedades de Antiquários desenvolvem-se na Europa Ocidental; ocupam-se, então, do estabelecimento de materiais que, acreditavam, pertenciam às origens das suas respectivas sociedades.

¹ Escrito entre 1853 e 1855.

Tais antiquários compunham-se de materiais de diversas naturezas, isto é, objetos decorativos e funcionais; ou mesmo sítios arqueológicos e coleções de canções populares; tudo isso era apenas parte do universo então inventariado. Trata-se de um movimento político e cultural presente em várias regiões da Europa Ocidental e, não por acaso, chamou-se já esse período, o XVIII e XIX, de os ‘séculos das gêneses’, tamanha era a preocupação com a determinação de uma origem para as sociedades europeias. Trata-se de movimento cultural que atendia a constituição dos chamados Estados Nacionais, visto que um dos desafios estava na determinação dos aspectos que enfeixavam as sociedades e os indivíduos. As histórias que tratavam da fundação e da criação de povos eram, desta forma, uma constante.

O esforço de pesquisadores das literaturas deste período, não raro, buscava por aquele incerto e brumoso movimento primeiro da criação. Ilustra bem a questão o problema das origens da lírica trovadoresca. Dependendo do autor e da sua nacionalidade, a origem da lírica deslocava-se. Franceses, alemães, italianos e espanhóis buscavam, cada qual à sua maneira e a partir de suas matérias literárias, determinar a primazia de uma região e de um país na criação de gêneros, motes, estruturas e, criavam, dentro desta maneira de pensar, inusitadas dependências. Assim, de forma curiosa, estes historiadores da literatura criavam uma rede de transferências que hierarquizava pesadamente as chamadas literaturas nacionais. Lembremos do filólogo português Manuel Rodrigues Lapa que em sua tese doutoral defendida em 1929 na Universidade de Lisboa procurava por um lado inventariar todas as teses existentes àquela altura sobre a lírica trovadoresca ibérica, e, por outro, sugerir as suas próprias para a ocorrência da poesia lírica em Portugal.

O Estudo Folclórico permitiria, assim acreditavam, o conhecimento da história de um povo. Era visto, muitas vezes, como aquele manancial de informações à espera de inventários para que fosse possível descobrir algo sobre a natureza de uma população. Estes verdadeiros arquivos a céu aberto exigiram esforço etnográfico para que os objetos e os sítios arqueológicos, as trovas e os cantos fossem recolhidos. Passo seguinte seria a elaboração de séries que determinavam a constância e a originalidade daquelas criações. No caso da Galiza, de acordo com Murguía, todo este empenho atendia a uma compreensão mais justa do seu próprio mundo.

Vivia-se, àquela altura, sob o impacto da descoberta de sítios arqueológicos. É fato que desde a Idade Moderna, a Península Itálica, por exemplo, a partir de algumas de suas cidades-estado custeava escavações. Mas, neste caso, o interesse era meramente estético; ou seja, se a descoberta de uma estátua não despertasse nos responsáveis pela sua recolha qualquer apreciação favorável esta era simplesmente descartada. Escavava-se para apreciar uma peça e não para construir conhecimento histórico e artístico sobre. Apenas no século XIX, o sítio arqueológico ganha relevância para a escrita da história. O impacto disto na sociedade era vigoroso. As descobertas multiplicam-se, bem como, as dúvidas sobre a maneira de tratá-las. Vale lembrar que as pinturas rupestres foram, nos primeiros anos, consideradas fraudes. A descoberta em 1879 da Gruta de Altamira é um bom exemplo. Até meados de 1888, as pinturas que cobriam a parede de pedra (18m por 9m) foram apreciadas como obra ou de pastores desocupados ou mesmo de intencional falsificação. Desta forma, colocavam-se sítios como Altamira no mesmo lugar da Literatura Ossiânica que como sabemos não fora escrita por bardos do País de Gales, mas sim, escritores afeiçoados às matérias dos antiquários.

Feitas tais considerações, poderemos entender melhor o artigo de Manuel Murguía sobre o chamado *Folclore Galego*. Aliás, é justamente este o nome que lhe dá: *El Folk-Lore Gallego*.² Murguía já contava 48 anos é, portanto, trabalho da maturidade de escritor que há muito se dedicava à criação de inventários etnográficos, dicionários literários e obras de caráter historiográfico. Isto significa que o artigo traz muito das discussões ocorridas à época, à medida que desfila os seus argumentos. As possíveis contradições, mais do que expressarem limites do texto, assinalam mesmo uma das tantas definições e apropriações do tema folclórico no final do século XIX, na Península Ibérica.

La creación del Folk-Lore gallego, en cuanto tiende a reunir y facilitar toda clase de materiales para conocer bien y en todas direcciones la historia de nuestro pueblo, está, por lo tanto, llamada a prestar grandísimos servicios a nuestra Galicia, a desvanecer más de un error y asentar para siempre más de una verdad reconocida (1881, p. 280)

² Publicado no periódico madrilenho *La Ilustración Gallega y Asturiana* em 1881

Folk-lore, entendido como o saber do povo, apareceu com W.J. Thomas, em 1846, incorporou, nas décadas seguintes, de acordo com Paul Zumthor (1983, p. 22), as concepções de *Volkgeist*, espírito do povo, desenvolvidas, particularmente, por escritores como Johann Gottfried von Herder (1744-1803). Os Estudos sobre o Folclore, dentro destas perspectivas, permitiriam o reconhecimento, expressão cara ao período, das maneiras de ser de toda uma comunidade. Ciência com tamanho fôlego, fácil perceber, tornou-se ao lado da História e da Geografia, entre outras, em disciplinas-chaves para o universo da administração pública e da política à medida que abasteciam os embates políticos dentro da construção dos Estados Nacionais. O Estado estruturava-se, de acordo com certas concepções correntes na Europa Ocidental dos séculos XVIII e XIX, a partir do tripé: território, etnia e língua. O estudo do *Folk-lore*, o saber do povo, permitiria responder a uma das questões dos Regionalismos, o do estabelecimento de uma comunidade com direito às práticas culturais afirmadas como nacionais, e, no caso galego, determinar uma idiosincrasia no interior de uma nação. Necessário aqui recordar que Manuel Murguía era casado com a escritora Rosalía de Castro (1837-1885), autora do célebre *Cantares Galegos* (1863). Trata-se, tal como sugerido no título, de um cancionero em língua galega. Aliás, o primeiro a cuidar desta matéria e seguia de perto os trabalhos então realizados nas línguas castelhana e portuguesa. Rosalía, na apresentação da obra, define-a nos seguintes termos:

...Cantos, bágoas, queixas, suspiros, seráns, romerías, paisaxes, devesas, pinares, soidades, ribeiras, costumes, todo aquilo, en fin, que póla súa forma e colorido é dino de ser contado, todo, o que tuvo un eco, unha voz, un runxido por leve que fose, con tal que chegase a comoverme, todo esto me atrevín a cantar neste homilde libro... (1863, p. 11)

Para historiadores como Manuel Murguía os Estudos do Folclore tratavam com temas que, acreditava ele, conservava, dependendo das circunstâncias, quase que inalterado, o Passado; no caso, o passado da Galiza. A história, para Murguía, é o estudo do passado ora nos chamados Monumentos Antigos, expressão sua que, hoje, denominaríamos de sítios arqueológicos, caso, por exemplo, das mamoadas, edifícios funerários, ora na Tradição Popular presente nas cantigas e

histórias. Murguía, prolífico escritor, empenhou-se no levantamento do que chamou de *rimas populares de Galicia*; estas permitiriam ao historiador, dentro do seu entendimento, tratar com o passado, e, assim, criar conhecimento:

En las Rimas Populares de Galicia,³ que daré a luz muy pronto, no he de traspasar los límites de aquella investigación y noticias puramente históricas que sean necesarias para ilustración de las composiciones que contenga el libro. Dejo lo demás para los que despues de nosotros hayan de espigar en el campo fecundísimo de la producción popular. Todo nuestro pasado, como hemos dicho ya, se incierra en ella; por ella hemos de explicarlo (1881, p. 280).

Em linhas gerais, a historiografia desenvolvida por Manuel Murguía pertence a uma certa maneira de conceber e escrever a história. Peter Burke, no trabalho *Varietades de História Cultural* (2000, p. 239-40), sintetiza esta concepção de História Cultural nos seguintes termos: “A identificação de estereótipos, fórmulas, lugares-comuns e temas recorrentes em textos, imagens, apresentações e o estudo de sua transformação se tornaram parte importante da prática da história cultura”.

Manuel Murguía e a Literatura Popular

Os Estudos Folclóricos, desta forma, cumprem, para a historiografia representada por Murguía, fonte privilegiada para a construção da história de um povo. Há que se considerar que a história enquanto campo de saber constituiu-se, em linhas gerais, no século XIX, e é, sobretudo, um estudo realizado a partir das grandes coleções de documentos recolhidos durante longos períodos em arquivos de órgãos públicos e institucionais, ouça-se Estado e a Igreja. Daí boa parte da historiografia inicialmente produzia ater-se, sobretudo, às questões políticas e administrativas. O trabalho historiográfico de Murguía elege, além dos Arquivos Públicos, os grandes Espaços Públicos, trata-se de uma importante e significativa mudança. No artigo *El Folk-Lore Galego* (1881, p. 276):

³ Não chegou a ser publicado, é possível ter uma medida do que era este trabalho a partir do volume *Galicia* (1888), que, segundo nota de rodapé do autor à página 169, “todos los versos y romances” citados naquela pertenciam ao trabalho *Rimas Populares de Galicia* ainda inédito.

Evocar y conocer, ésta es la frase: y en verdad que ningún país como el en que he nacido está más necesitado de ello, como tampoco, no creo aventurar mucho al decirlo, ninguno con él, que más tenga encerrado y escondido en los limbos de la producción popular. Yo, que creía saber algún tanto el pasado de mi pueblo, vi bien pronto que lo ignoraba.

O artigo de Manuel Murguía, *El Folk-Lore Galego* (1881, p. 275), publicado no periódico *Ilustración Gallega y Asturiana*,⁴ é tomado aqui como uma apresentação crítica da sua concepção de historiografia e de Literatura Popular, e como estas trabalham juntas. Aí reverberam questões tomadas de estudiosos castelhanos e portugueses de quem Murguía era devedor:

Si en aquellos hermosos tiempos en que todavía no me estaba vedado ningún género de esperanzas, si cuando entregaba a los vientos de la publicidad las primeras observaciones acerca de la poesía y tradiciones populares de Galicia, se me hubiese dicho que los sueños de entonces habían de realizarse, que la creación de una sociedad análoga a la del *Folk-Lore* había de ser un hecho en mi país, y que los estudios que tan pobremente iniciaba llegarían a tener entre nosotros la importancia y valor actuales, no lo hubiera creído nunca.

Lo recuerdo bien: escribí las primeras páginas en plena naturaleza, en medio de faenas y entre las gentes del campo, en un rústico balcón cuyas escaleras bajaban en pequeña curva hasta la era, y al lado de aquella que el cielo me dio por compañera de mi vida y de mis infortunios [...] mi hija, corriendo tras de las palomas, entonaba el infantil romance, y sus canciones de siempre campesinas, que en medio de un mar de hojas separaban de las ramas

O referido artigo tem, para além do estilo romanceado, o caráter de divulgação e valorização dos Estudos Folclóricos e, em particular, da Literatura Popular. No conjunto da obra de Murguía é possível verificar três preocupações: a) Levantamento e divulgação da Literatura Popular em toda a sua extensão e riqueza; b) dentro da sua

compreensão a Literatura Popular serviria à construção da Literatura Galega, pois, acreditava que ela encerrava uma idiossincrasia, e, o reconhecimento da importância desta última acabaria por fornecer matérias e temas, tópicos e andamentos para a primeira; c) a Literatura é referência para o estudo e a escrita da história a partir do momento em que guardaria um acervo de histórias e valores que definiriam moralmente os habitantes. Na presente reflexão atendo-me às duas primeiras.

Os extensos inventários abrangendo as distintas atividades de uma comunidade são, como observado, do interesse do historiador Murguía. O estudo e a sistematização de uma recolha da Literatura Oral fizeram parte das suas preocupações, visto que, de acordo com as teorias então correntes, a Literatura Popular nas suas diversas expressões era uma fonte privilegiada para o conhecimento de uma cultura, e era, dentro dos propósitos de Murguía, o ponto de partida para a construção de uma Literatura Galega. Assim, o estudo desta Literatura Popular, por um lado, ensina o ‘gênio’, expressão sua, do grupo, e, por outro, permitiria a construção de uma Literatura própria. Belén Fortes (2000, p. 77) destaca como a Literatura Popular tem, para Manuel Murguía, a capacidade de responder às suas buscas de uma ‘personalidade distintiva’ desejada para a Galiza. Fácil perceber o quanto esta ambígua e discutível *distinção nacional* poderia oferecer extensa confusão e exageros.

Murguía dedicou-se à recolha e divulgação, por exemplo, de histórias populares, seja através dos seus trabalhos historiográficos como, por exemplo, a sua *História da Galicia*, publicada entre os anos de 1865 e 1913, e *Galicia*, publicada em 1888. Dois trabalhos de raro fôlego. O primeiro é uma história da Galiza que vai das primeiras ocupações da região até o século XIX; publicado em cinco volumes entre os anos de 1865 e 1913. Já *Galicia* saiu em volume único publicado em 1888 dentro das atividades da *Feira Mundial* de Barcelona.

A estes trabalhos acrescenta-se uma longa série de artigos publicados em periódicos espanhóis e americanos. Conhecer esta Literatura Popular significa, dentro dos seus argumentos, conhecer um povo, o que, no final das contas, significa distingui-lo como uma nação, gesto tão caro aos nacionalismos galegos. Nação é, dentro da argumentação política de Murguía, o termo adequado para se tratar da Galiza, visto que ela

⁴ Periódico publicado em Madrid que circulou entre os anos de 1879 e 1881

apresentaria: um território claramente definido; uma língua própria, e, uma cultura. A Galiza não se constituía, ao seu tempo, uma nação autónoma por não ter, historicamente falando, durante a Idade Média, acompanhado Portugal na criação de um reino independente.

Em outra passagem do mesmo artigo (1881, p. 276-77), Murguía apresenta a Literatura Oral como a grande fonte, tão viva e tão negligenciada, da cultura galega. Tratamento que já aparecera em Giambattista Vico (1668-1744) no seu *Scienza Nuova* (1725) e que a partir dos séculos XVIII e XIX tem grande repercussão na Europa Ocidental. Estudar o passado é, em autores como Manuel Murguía, uma maneira de construir um novo presente. Os versos correntes estão cheios de um passado que, devidamente valorizados, não só desvelariam os tempos já vividos como aqueles que hão de vir:

Sin pasado casi, puesto que carecemos de memorias escritas, se conserva éste (tradição oral) y revela en las fugitivas composiciones de la musa popular. Como los celtas, sus antepasados, como los germanos, con quienes mezcló lo más puro de su sangre, tiene el pueblo gallego en la tradición oral toda su historia, toda sua doctrina y creencias, toda su vida intelectual. El historiador hallará fácilmente en los olvidados cantos la luz clarísima que le permite adelantarse en las inexploradas tinieblas de los antiguos tiempos. No sólo se encierra en sus versos un pasado desconocido, sino que está en ellos todo su genio. Nada lo reproduce y explica mejor. Está en las leyendas, en las supersticiones, en las viejas criencias, lo mismo que en los romances y canciones, en que la mujer gallega hace brillar a cada momento su valor, superioridad, prudencia y demás virtudes que forman la base de su carácter.

No embate político contra o governo central, o estabelecimento de uma história própria, determinada pela ocupação da região por um povo distinto, no caso o celta, atua como contraponto ao discurso castelhano. A distinção étnica, de acordo com estas perspectivas, e todos os desdobramentos a ela ligados, embasa as reivindicações e as refregas políticas da Província com o Governo Central. Nas argumentações de

Murguía o povo transforma-se em um relicário ([1888] 1982, p. 14) no qual encontrariam-se as marcas definidoras de um ‘espírito galego’ tão ao gosto das teorias do *Volkgeist*. A concepção de depositário, em linhas gerais, aparece em vários autores do período. Acreditava-se numa teoria das conservâncias, ou seja, o quanto uma comunidade cultural e histórica guardava ainda marcas do grupo original, fundador. Questão problemática, sobretudo, pelos desdobramentos, em certos casos, de uma concepção de pureza:

Muy pocos pueblos como el gallego han sabido conservar á través de los tiempos más pura, más constante, más indeclinable su fisionomía. No es posible dudarlo. Todo en él es tradicional y está en la costumbre mejor que en la ley escrita; en la literatura oral, que en la erudita; en su vida interna, que en la histórica; en su corazón, y no en las manifestaciones exteriores.

A análise de Murguía desenvolve-se a partir de uma crença na continuidade dos traços culturais de um grupo. O galego seu contemporâneo seria ainda o mesmo de outros tempos. Os Estudos Folclóricos possibilitam, dentro da sua leitura, essas verificações, por um lado, da antiguidade de uma cultura, por outro, da sua continuidade nos tempos presentes. A antiguidade de uma cultura serve, em grande medida, dentro dos discursos nacionalistas para a afirmação dos valores e distinções de um grupo cultural, e, igualmente, para o estabelecimento de uma hierarquia entre as culturas. No *El Folk-lore Galego* (1881, p. 279) a antiguidade da cultura galega, além de ser devidamente atestada, encontra-se ligada, ou dito de outra maneira, é continuidade do grupo celta. Cabe lembrar que desde meados do século XVII, escritores de diferentes países e em distintos contextos tratam de estabelecer ligações históricas das suas próprias culturas com os celtas. O caso galego, e o de Murguía em particular, pertence a esses contextos:

Formando parte de una antigua mitología de unas creencias a las cuales, lo mismo que a los instintos de la sangre, permanece fiel nuestro pueblo, vienen aquellas supersticiones, no sólo atestiguar su persistencia, sino también a declarar formalmente la comunidad de origen de los pueblos célticos.

Singularmente, os Estudos Folclóricos, e, particularmente as Literaturas Populares, na Galiza do século XIX serviram, ora à construção de uma Literatura em língua galega caso, por exemplo, de Rosalía de Castro, e, ora a uma historiografia renovada, a de Manuel Murguía. E, de maneiras distintas, estes dois importantes nomes do *reixurdimiento gallego* do XIX, aliás, marido e mulher, construíram uma narrativa, literária e histórica, acerca da Galiza.

À maneira de conclusão

A relevância de artigos como o de Manuel Murguía nos dias de hoje está justamente na maneira como coloca, ainda uma vez, os estudos sobre a Cultura. O estudo do Folclore, no caso, tal como vimos em artigo do final do século XIX deu lugar ao longo do XX a novas nomenclaturas e compreensões sobre o fenómeno cultural. Considerar tal artigo significa, portanto, desenharmos uma história dos nossos conceitos e de nossas práticas culturais. No caso de Murguía, em particular, está presente uma das vozes ibéricas que trataram de acertar o terreno, assim podemos dizer, para algumas gerações de leitores e pesquisadores. Ibérico sim, pois àquela altura os esforços portugueses e espanhóis cruzavam com facilidade as fronteiras e o conjunto da obra de escritores como Murguía recupera muito das leituras então correntes no século XIX acerca dos cancioneros, ouça-se, Teófilo Braga, Almeida Garrett e Antonio de Trueba.

Não raro, percebia-se no material dos cancioneros e romances material para a *renovação* da sociedade, tudo à maneira dos romantismos. É assim que ouvimos, por exemplo, Almeida Garrett na apresentação que faz ao seu *Romanceiro* de 1846 ou mesmo no prefácio ao poema ‘Dona Branca ou A Conquista do Algarve’ de 1826. Tratava-se de inventariar e inventar sinais e marcas, temas e tópicos para a construção de uma narrativa nacional. Trabalho tenso que muitas vezes opõe leituras e fazeres, veja-se o caso português, e as discordâncias de Teófilo Braga e Almeida

Garrett a propósito da constituição de um romanceiro e do lugar da ficção, ou seja, da criação a partir de temas recolhidos. Enquanto Teófilo Braga defendia inventários que seguissem de perto o recolhido, Garrett permitia-se livres recriações.

Desta forma, olhar com atenção renovada para o período em questão – final do século XIX – nos permite entrever algo das ciências de inventários do período e do curioso desdobramento junto à historiografia, à antropologia e à literatura. Fácil, portanto, lembrarmos, entre nós, de Silvio Romero ralhando com Teófilo Braga ou mesmo do pouco lembrado Mello Moraes Filho e os seus trabalhos sobre cultura cigana e índios da Amazônia, este último, na *Revista da Exposição Antropologica Brasileira* por ele dirigida.

O caso de Murguía, ou melhor, do casal Manuel e Rosalía é, portanto, paradigmático, nos contextos ibéricos, à medida que combina inventários com a criação de uma narrativa historiográfica fortemente marcada pela etnografia, e, a literatura. Num e noutro caso, tal como percebemos da argumentação empregada para apresentar os seus trabalhos, há clara intenção e ação políticas. Tratar de si mesmo e do lugar de eleição – o torrão natal – significava valorizar a cultura própria dentro do contexto das refregas nacionalistas do século XIX.

Curioso observar como tantas vezes, apesar de uma reorientação teórica extensa ao longo do século passado, guarda-se ainda constâncias no pensamento e tratamento dados à Cultura. Se o nosso entendimento acerca destes temas transformou-se no último século, retomar a escrita da história da cultura nos permitirá compreender algo melhor aquilo que fazemos com todos os seus limites e urgentes saltos a serem dados. Tão importante quanto nos mantermos em dia com os novos escritores, vale perceber que estes pertencem a uma cadeia de estudos que, há tempos, está em movimento. Tratar, portanto, do extenso e variado exercício de codificação da cultura permite, por um lado, um aproximar-se da história desse esforço, bem como, da forma como pesa a própria tradição desses estudos.

Referências

Escritos de Manuel Murguía

MURGUÍA, Manuel. (1866) A raza céltica y su poesía popular in *Prosas*

Recuperadas: o periodismo de Manuel Murguía. Antoloxía básica 1853-1923. Edición de José Antonio Durán. Vigo, Fundación Caixa Galicia/ Real Academia Galega, 1997, p. 203-211

_____. (1881) El Folk-lore gallego in *Prosas Recuperadas: o periodismo de Manuel Murguía. Antoloxía básica 1853-1923*. Edición de José Antonio Durán. Vigo, Fundación Caixa Galicia/ Real Academia Galega, 1997, p. 275-81

_____. (1888) *Galicia*. Introducción Justo González Beramendi. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1982

_____. (1915) Nuestra música ancestral in *Prosas Recuperadas: o periodismo de Manuel Murguía. Antoloxía básica 1853-1923*. Edición de José Antonio Durán. Vigo, Fundación Caixa Galicia/ Real Academia Galega, 1997, p. 308-09

Obras de Rosalía de Castro

CASTRO, Rosalía. (1863) *Cantares Gallegos*. 7. ed., Vigo: Galaxia, 2000

_____. (1880) *Follas Novas*. Edición de Henrique Monteagudo e Dolores Vilavedra.

Vigo, Galaxia, 1993

Bibliografía Básica

BERAMENDI, Justo G. e NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. (1995) *O Nacionalismo*

Galego. 2. ed., correxida e aumentada. Vigo, A Nosa Terra, 1996

BHABHA, Homi (ed.). (1990) *Nation and narration*. 6ª. ed., London: New York, Routledge, 2000

BRAGA, Teófilo. (1869-72) *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa, Europa - América, s/d, 7 volumes

BURKE, Peter. (2000) *Variedades de História Cultural*. trad. Alda Porto, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

DUARTE, Josias Abdalla. (2007) 'A Branca Flor do Romanceiro de Almeida Garrett.

A rainha e a irmã cativas. *XI Encontro do IFNOPAP (O imaginário nas formas narrativas orais da Amazônia Paraense)*. Organizado pela UFPA, Belém e Ponta de Pedras, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é Memória. *Revista USP*, São Paulo (24): 114-120, dezembro-janeiro 1994-95

_____. (1991) *Armadilhas da memória: conto e poesia popular*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado

FORTES, Belén. (2000) *Manuel Murguía e a cultura galega*. Santiago de Compostela, Sotelo Blanco

IANNI, Octavio. (1999) Nação e narração in AGUIAR, Flávio (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 1999, p.71-81

LOTMAN, Iuri (1985) La memoria a la luz de la culturología in *La Semiosfera: semiótica de la cultura y del texto*. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Valência, Universitat de València, 1996, volume 1, p.157-61

MORAES FILHO, Mello. (1882) *Revista da Exposição Antrophologica Brasileira*. Rio de Janeiro, Typographia de Pinheiro & C

MÁIZ, Ramón. (1984) *O Rexionalismo Galego: organización e ideoloxía (1886 -1907)*. A Coruña, Edición do Castro/ Seminario de Estudos Galegos

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo, Olho d'água, s/d

VIEIRA, Yara Frateschi. (1996) *Antologia de Poesia Galega*. Organização, seleção, introdução e notas de Yara Frateschi Vieira. Campinas, Unicamp

VILAVEDRA, Dolores. (1999) *Historia da Literatura Galega*. Vigo, Galaxia

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Hucitec, 1997

_____. (1983) *Introdução à Poesia Oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Alameida. São Paulo, Hucitec/Educ, 1997

Josias Abdalla Duarte

Pós-doutorado sobre História Cultural da Galiza pela Universidade da Corunha (Espanha) desenvolvido em 2006 com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. dabuz@uol.com.br

Recebido em 27/08/2009

Aprovado para publicação em 08/10/2009